Anais do XXVII Encontro de Iniciação à Docência
Pró-reitoria de graduação - ENID - 2025

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

RESUMO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB
ARTE URBANA E EXPRESSÃO JUVENIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO PIBID ARTES VISUAIS UFPB

Iara Araujo Cavalcante Sobral;
Leticia Maria Gomes de Oliveira Souza;
Radmila Lua Lordao Nunes;
Shirley Aires de Medeiros (Colaboradora);
Sicilia Calado Freitas (Orientadora).

Programa de Pibid
CCTA - Centro De Comunicação, Turismo E Artes, Campus I, João Pessoa - PB

RESUMO: As experiências pedagógicas realizadas com alunos do 8º ano de uma escola situada em área periférica tiveram como eixo central a arte urbana como linguagem contemporânea capaz de aproximar escola, território e expressão juvenil. A partir de uma sondagem inicial, identificaram-se os interesses, repertórios e expectativas dos estudantes, permitindo construir um planejamento sensível às suas vivências e ao contexto social em que estão inseridos. O tema "Arte Urbana e Expressão Juvenil" orientou práticas que articularam dimensões estéticas, políticas e sociais, criando um espaço de acolhimento, autonomia, diálogo e fortalecimento da autoestima. As atividades buscaram estimular o senso crítico, ampliar a consciência cidadã e discutir o papel da arte como intervenção no espaço urbano. Nesse percurso, foram estudados artistas essenciais para compreender a potência crítica da arte urbana. Blek le Rat, pioneiro do stencil, permitiu discutir anonimato, rapidez da intervenção e uso do espaço público como plataforma de crítica social. Banksy, com seu humor ácido, ações anônimas e críticas à violência, ao consumismo e às desigualdades, ampliou o debate sobre resistência, direitos humanos e força simbólica das imagens. Eduardo Kobra, muralista brasileiro reconhecido mundialmente, acrescentou ao projeto uma dimensão estética vibrante, marcada por cores intensas, padrões geométricos e temas ligados à memória, diversidade e justiça social. Essas referências ampliaram o repertório visual dos alunos e ofereceram fundamentos para compreender a arte urbana como prática crítica, política e comunitária. A segunda experiência aprofundou essa perspectiva ao propor intervenções artísticas no entorno escolar, relacionando narrativas pessoais às dinâmicas do bairro. Graffiti, lambe-lambe, estêncil, fotografia e mapeamentos sensíveis foram utilizados para valorizar histórias locais, percepções cotidianas e questões invisibilizadas do território. A cidade passou a ser compreendida como espaço de disputa simbólica e possibilidade de transformação por meio da criação visual. Os resultados mostraram que o ensino de arte, quando conectado ao território e às vivências juvenis, produz aprendizagens mais significativas. Os estudantes passaram a se reconhecer como sujeitos criadores, capazes de reinterpretar o espaço urbano e elaborar novas narrativas sobre si e sua comunidade. As ações fortaleceram vínculos entre escola, bairro e cidade, ampliaram repertórios culturais e estimularam protagonismo juvenil. Além disso, o trabalho evidenciou como a arte urbana funciona como ponte entre experiências individuais e questões coletivas, permitindo que os alunos percebam sua participação ativa na construção simbólica do território. A reflexão sobre os artistas estudados ajudou a compreender que a arte pode atuar como denúncia, memória, celebração e resistência, estimulando práticas educativas que acolhem diversidades e fortalecem a cidadania. Assim, as experiências reforçam a potência

da arte urbana como instrumento formativo, crítico e transformador dentro da escola pública brasileira. A ampliação dessas práticas também revelou a importância de fortalecer metodologias que integrem o cotidiano dos estudantes, reconheçam suas identidades e promovam espaços de escuta e criação. Ao explorar a arte urbana como campo de diálogo e expressão, tornou-se possível construir um ambiente educativo mais democrático, sensível e conectado às realidades juvenis. Esses processos ampliam horizontes.